

18 OUT 2014 • 18:00 • SALA SUGGIA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

JOSEPH SWENSEN DIRECÇÃO MUSICAL
GUNNAR JINMEI LINDER SHAKUHACHI

1ª Parte

Jean Sibelius

Suite de *O festim de Baltasar*

[1906; C.13MIN.]

1. *Marcha Oriental*
2. *Canção de Einsames: Solidão*
3. *Nocturno*
4. *Dança de Khadra*

Joseph Swensen

Shizue, para shakuhachi e orquestra

[1995; C.21MIN.]

2ª Parte

Toru Takemitsu

Requiem [1957; C.10MIN.]

Benjamin Britten

Sinfonia da Requiem [1940; C.20MIN.]

1. *Lacrymosa* –
2. *Dies Irae* –
3. *Requiem Aeternam*



casa da música



Maestro Joseph Swensen
sobre o programa do concerto
www.vimeo.com/109120187

JEAN SIBELIUS

TAVASTEHUS, 8 DE DEZEMBRO DE 1865
JÄRVENPÄÄ, 20 DE SETEMBRO DE 1957

Jean Sibelius escreveu a música para a peça teatral *O festim de Baltasar*, de Hjalmar Procopé, em 1906. A história bíblica, narrada no Livro de Daniel, é célebre e foi retratada por inúmeros artistas, desde o pintor Rembrandt em 1636 aos compositores Händel, em 1745, Schumann, em 1840, ou William Walton, em 1931. No Banquete do Rei descrito no Livro de Daniel, “o rei Baltasar deu um banquete a mil dos seus conselheiros; e, na presença de todos eles, foi bebendo vinho. Excitado pela bebida, mandou trazer os vasos de ouro e prata que o pai Nabucodonosor tinha tirado do templo de Jerusalém, a fim de que o rei, os seus grandes, as concubinas e as bailarinas se servissem deles para beber.” O festim é interrompido por uma mão que escreve uma mensagem no reboco da parede real que fica iluminada por um candelabro. A misteriosa mensagem vem a ser decifrada por Daniel.

Na suite orquestral, Sibelius recolheu quatro momentos da música de cena:

1. *Marcha Oriental*

Após o ritmo de marcha ser anunciado pelas percussões, contrabaixos e violoncelos, são as flautas que dão o toque oriental à música com os seus cromatismos em movimento ondulante. O cintilante triângulo, popularmente designado por ferrinhos, completa a atmosfera que se torna progressivamente mais delirante e grandiosa até, por fim, se extinguir no silêncio.

2. *Canção de Einsames: Solidão*

Um extenso solo da viola e do violoncelo sobre um discreto ‘pano de fundo’ dos violinos com surdina constitui este original e breve andamento. O movimento oscilante do acompanhamento e o apoio pontual dos sons mais graves das cordas antecipam o carácter nocturnal do andamento seguinte.

3. *Nocturno*

Cabe à flauta o protagonismo deste andamento de música nocturna. O acompanhamento é extremamente estático, transmitindo uma sensação de grande tranquilidade. A melodia da flauta, muito orientalizante, é sempre encerrada pelos clarinetes numa eficaz mudança tímbrica.

4. *Dança de Khadra*

Tendo início com grande leveza e uma contrastante luminosidade, esta dança tem na sua secção central uma atmosfera mais misteriosa, terminando de forma despreocupada e remetendo o ouvinte para uma dança de véus de puro divertimento.

RUI PEREIRA [2014]



ORIENTE 2014

PATROCINADOR ANO ORIENTE APOIO ANO ORIENTE



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



JOSEPH SWENSEN

HOBOKEN (NEW JERSEY), 4 DE AGOSTO DE 1960

A inspiração para *Shizue* surgiu-me muito antes de se comemorar em todo o mundo o aniversário do final da II Guerra Mundial, em 1995. A irmã da minha mãe, Shizue Okamoto, foi morta pela bomba de Hiroshima e a história da sua curta vida e morte brutal pairou na minha imaginação durante anos.

Os anos da Guerra foram terríveis para a família da minha mãe. Imigrantes japoneses no Havai, no início da década de 1920, na realidade os meus avós não eram nem japoneses nem americanos. Mas quando o Japão atacou Pearl Harbor ficaram completamente encurralados entre duas identidades. Entre os filhos do meu avô na altura do ataque, dois eram estudantes no Japão (uma das quais era Shizue), três eram estudantes nos Estados Unidos continentais, e dois, mais novos, viviam em casa dos pais no Havai (uma das quais a minha mãe). Os meus tios foram recrutados para exércitos adversários e o meu avô foi preso pelos americanos num campo de concentração no Arizona pelo período de duração da guerra.

Quando tudo acabou, o bem-sucedido negócio do meu avô e o seu espírito alegre estavam destruídos. Ele morreu poucos anos depois de ser libertado do campo e, não muito mais tarde, em Nova Iorque, a sua filha mais nova daria à luz o autor destas linhas.

Shizue não é, de modo nenhum, uma obra política. É uma história puramente humana sobre a inocência de uma jovem solitária e sobre uma família rasgada em pedaços pelos acontecimentos violentos que continuam a dar forma ao nosso mundo.

A estrutura de *Shizue* está dividida em quatro secções principais, tocadas sem pausa. Há também dois grandes segmentos nos quais o solista deve improvisar.

Em termos temáticos, todas as melodias da peça são de alguma forma relacionadas ou têm a sua origem na antiga canção popular japonesa ...*Sakura* (Flores de Cerejeira).

JOSEPH SWENSEN [1995]

Tradução: Fernando P. Lima

TORU TAKEMITSU

TÓQUIO, 8 DE OUTUBRO DE 1930

TÓQUIO, 20 DE FEVEREIRO DE 1996

O compositor japonês Toru Takemitsu tornou-se uma das figuras mais respeitadas do panorama internacional da música erudita na segunda metade do século XX. Considerado um autodidacta, chegou a afirmar que o rádio, veículo do seu contacto com a música do Ocidente, tinha sido o seu professor. Com um catálogo que ultrapassou os trezentos títulos, Takemitsu tem no *Requiem* de 1957 a sua primeira obra de reconhecimento internacional. Dedicado ao compositor de bandas sonoras Fumio Hoyasaka (1914-1955), que no final da breve vida compôs para diversos filmes de Akira Kurosawa, o *Requiem* é escrito para orquestra de cordas e, não demonstrando qualquer relação com a estrutura da missa de mortos, tem um forte carácter elegíaco. Marcado pela sonoridade velada das cordas com surdina, num ambiente intensamente dramático e sob forte influência do expressionismo e dos compositores da Segunda Escola de Viena, o *Requiem* foi considerado uma obra-prima

pelo compositor Igor Stravinski, que o escutou acidentalmente numa digressão que fez ao Japão em 1959.

BENJAMIN BRITTEN

LOWESTOFT, 22 DE NOVEMBRO DE 1913

ALDEBURGH, 4 DE DEZEMBRO DE 1976

Um dos mais precoces talentos do século XX no domínio da composição, Britten foi o mais importante compositor britânico do seu tempo. A história que rodeia a encomenda da sua *Sinfonia da Requiem*, escrita quando tinha 26 anos de idade, testemunha o reconhecimento internacional do seu talento e está rodeada de contornos misteriosos. Britten recebeu a encomenda através do British Council, que apenas comunicou que a peça era para uma celebração de uma entidade muito importante a nível internacional. Britten aceitou e acabaria por saber que o cliente anónimo era o Governo do Japão, que pretendia celebrar o 2600º aniversário da dinastia reinante e que havia encomendado obras a vários compositores europeus. Entre esses outros compositores contavam-se Richard Strauss e Jacques Ibert. Nesta altura, em 1939, o Japão ainda não tinha integrado as forças da Segunda Grande Guerra. No entanto, quando o Governo japonês recebeu a partitura e viu que esta era um *Requiem* instrumental, com as diversas secções da liturgia romana nos títulos dos seus andamentos, cancelou a sua apresentação. A *Sinfonia da Requiem* foi, conseqüentemente, estreada em Nova Iorque, no ano de 1941, sob a batuta de Sir John Barbirolli.

A Sinfonia divide-se em três andamentos ininterruptos com os títulos *Lacrymo-*

sa, Dies Irae e Requiem Aeternam. Puramente orquestral, pretende, de acordo com as intenções do compositor que a dedicou à memória dos pais, “transmitir através da música os sentimentos de dor, compaixão, terror e aspiração ao repouso eterno.”

RUI PEREIRA [2014]

JOSEPH SWENSEN DIRECÇÃO MUSICAL

Joseph Swensen é Maestro Emérito da Orquestra de Câmara da Escócia, Professor de violino da Jacobs School of Music da Universidade de Indiana e Fundador/Director do Habitat4Music. Foi Maestro Convidado Principal e Consultor Artístico da Orquestra de Câmara de Paris (2009-2012) e Maestro Titular da Orquestra de Câmara da Escócia (1996-2005). Ocupou cargos também na Ópera de Malmö (2008-2011), Sinfónica de Lahti e Orquestra Nacional de Gales da BBC. É convidado regularmente para dirigir na Europa, EUA, Japão e Austrália, desenvolvendo relações duradouras com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, London Mozart Players, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Orquestra Nacional de Bordéus.

Com a Orquestra de Câmara da Escócia, Joseph Swensen fez extensas digressões nos EUA, Reino Unido, Europa e Extremo Oriente. Apresentaram-se em salas e eventos como o Festival Mostly Mozart em Nova Iorque, Festivais de Tanglewood e Ravinia, BBC Proms, Barbican e Concertgebouw.

Para além dos compromissos como maestro, recentemente Joseph Swensen regressou aos palcos como solista em violino. Neste âmbito, a sua agenda inclui colaborações com a Sinfónica de Colorado, Orquestra de Câmara de Los Angeles e Sinfónica de Haifa. Tem um grande interesse no desenvolvimento da arte de tocar e dirigir em simultâneo, o que faz regularmente com agrupamentos como a Orquestra de Câmara de Paris, London Mozart Players e Orquestra de Câmara Escocesa. Com esta última, fez uma aclamada série de gravações de Concertos para violino de Brahms, Mendelssohn, Sibelius e

Prokofieff (2º), para a Linn Records. Em música de câmara, trabalha em duo com o pianista Jeffrey Kahane e em trio com o *KahaneSwensenBrey* (com o violoncelista Carter Brey).

Como compositor, destacam-se as suas obras *Mantram* (1998) para orquestra de cordas, *Latif* (1999) para violoncelo e ensemble de câmara, *Shizue* (2001) para shakuhachi e orquestra e a Sinfonia concertante para trompa e orquestra (*The Fire and the Rose*, 2008). A *Sinfonia em Si* de Swensen (2007), orquestração da versão de 1854 do Trio op.8 de Brahms, foi editada pela Signum Records.

Joseph Swensen é co-fundador e director, com Victoria Eisen, do Habitat4Music, que estabelece uma relação entre jovens músicos clássicos americanos e crianças oriundas de contextos problemáticos de todo o mundo, fazendo uso do poder de programas participativos de educação musical de longa duração.

Americano com ascendência norueguesa e japonesa, Joseph Swensen nasceu em Hoboken, Nova Jérquia, e cresceu em Harlem, Nova Iorque. Vive entre Nova Iorque, Bloomington (Indiana) e Vermont.

GUNNAR JINMEI LINDER SHAKUHACHI

Gunnar Jinmei Linder começou a estudar shakuhachi depois de chegar ao Japão em 1985. Pouco depois, foi apresentado ao mestre Yamaguchi Gorō (1933-99) – o mais jovem nomeado para “Tesouro Nacional Vivo” do Japão, aos 59 anos, e que foi director da ainda activa congregação Chikumeisha do Kinko-ryū Shakuhachi, a mais antiga das linhagens existentes do shakuhachi.

Em 1993, Linder recebeu a bolsa japonesa Monbukagakushō para estudar shakuhachi como solista, no Conservatório de Música Tradicional da Universidade Nacional de Artes de Tóquio (Geidai). Dois anos mais tarde, ingressou no programa de Mestrado como solista em shakuhachi do repertório tradicional, que terminou em 1997, tendo sido o segundo não-japonês a consegui-lo. No Verão de 1998, Yamaguchi Gorō atribuiu-lhe a sua licença tradicional como mestre de shakuhachi, *shihan*, e o nome Jinmei (儘盟). No mesmo ano realizou-se o primeiro Festival Internacional de Shakuhachi fora do Japão, em Boulder, Colorado (EUA), no qual foi membro do comité executivo. Tem um doutoramento em Japanologia.

Entre 1997 e 2005, Linder apresentou-se em palco e ensinou no Japão, mas também na Europa e EUA. Em 2005 regressou ao seu país-natal, a Suécia, prosseguindo a actividade como músico e professor na Europa. É conselheiro da Sociedade Europeia de Shakuhachi NPO, desempenhando um papel activo na promoção da música para shakuhachi na Europa.

É também Professor Associado de Estudos Japoneses na Universidade de Estocolmo, orientando a pesquisa no campo dos

géneros *tradicionais* (ou pré-modernos) de música e outras formas de arte japonesa. Actualmente estuda a estrutura de um género musical que se desenvolveu no século XVIII. Orienta ainda a pesquisa de textos de canções de um género de música erudita dos séculos XVIII e XIX (*jiuta-sōkyoku*).

O centro da actividade musical de Gunnar Jinmei Linder encontra-se no repertório tradicional do shakuhachi – tanto o repertório meditativo fundamental que se desenvolveu a partir do século XVIII, como a música erudita de câmara para cordas (koto, shamisen), voz e shakuhachi. Estreou *Shizue* de Joseph Swensen em 1995 com a Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca, tendo interpretado a obra também com a Orquestra de Lahti (Finlândia) e a Orquestra de Câmara Real Escocesa.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Christoph König *maestro titular*

Baldur Brönnimann *maestro titular indigitado*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Jérémie Rohrer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa ou Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin e Luca Francesconi.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens

aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Na temporada de 2014, a Orquestra é dirigida pela primeira vez por maestros como Peter Eötvös e Ilan Volkov, e interpreta uma nova obra de Unsuk Chin em estreia mundial.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Ludwig Dürichen*
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Vladimir Grinman
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Andras Burai
José Despujols
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Francisco Pereira de Sousa
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Paul Almond
Domingos Lopes
Germano Santos
Vitor Teixeira
José Sentieiro
Nikola Vasiljev

Viola

Joana Pereira
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Hrant Yeranossyan
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Américo Martins*
Vanessa Pires*

Contrabaixo

Slawomir Marzec
Jean Marc Faucher
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Domingos Ribeiro*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Carlos Alves
António Rosa
João Moreira*

Saxofone

Hugo Teixeira*

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Luís Duarte Moreira*
André Maximino*
Bohdan Sebestik
António Seabra*

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Nuno Simões
Paulo Oliveira
André Dias*
Renato Peneda*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Piano

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

